

**CASEREANDO**  
(*Jeferson Valente*)

O despontar da estrela d'Alva  
Desfaz o tom de acalanto  
Do guitarrear milongueiro  
Da madrugada gelada.  
Não se ouvem mais os grilos  
E o coaxar incessante da saporaria do açúcar,  
Tenores entoando árias,  
Encerrou o seu concerto.

Veze em quando um galito,  
Campeiro clarim do pampa,  
Executa o despertar  
Lembrando o findar da noite  
Àqueles nela imersos.

O braseiro  
Desfeito em cinzas  
Já não aquece.

Solito, o peão mateia  
Com o olhar perdido  
Na amplidão do pensamento...  
O alento do sono  
Não quis fazer-se parceiro  
Daquele que casereia.  
Somente reminiscências  
Paleteiam a alma rude,  
De agruras falquejada.

Julho aumenta a ferida  
Pela flor embrutecida  
Do inverno que se agranda.  
E uma lágrima salgada  
Se derrama pesada  
Por sobre o peito oprimido  
Pela saudade da prenda,  
Zelosa, a cuidar da prole,  
Na ausência do parceiro  
Que foi changuear o sustento.

O alvoroço dos cavalos no potreiro  
Traz à mente o rebuliço dos piás,  
Seus pupilos nas lides de campo,  
Faceiros, correndo a abraçar o pai  
A cada fim de tarde.



O calor da bomba  
Revive na memória  
Os lábios doces da amada.  
Que não aquece o catre  
Nessas frias noites de invernã.

É para prover o sustento  
Daqueles que lhe são caros,  
Que hoje cruza a noite  
A zelar um rancho  
Que não o seu.

Curtos dias pra o trabalho.  
Longas sombras  
Entre ocasos e alvoradas.

Ronca o mate,  
Cantam os galos,  
Relincham os potros.  
É hora de despertar  
Da noite dos pensamentos  
Pois há muito a labutar  
No dia que abre os olhos.